

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

O ENSINO BÍBLICO NAS COMUNIDADES DE FÉ.

Um olhar crítico sobre a realidade da Escola Bíblica Dominical e suas tendências

Cleuber Alves dos Santos

Rio de Janeiro – RJ
2018

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

O ENSINO BÍBLICO NAS COMUNIDADES DE FÉ
Um olhar crítico sobre a realidade da Escola Bíblica Dominical e suas tendências

Cleuber Alves dos Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor orientador: Prof. Márcio Simão de Vasconcellos

Duque de Caxias – RJ
2018

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Cleuber Alves dos Santos

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado _____ com nota _____.

Professor Orientador: Márcio Simão de Vasconcellos

UNIGRANRIO

Professor examinador: Márcio Simão de Vasconcellos

UNIGRANRIO

Professor examinador: Antônio Lúcio Avellar Santos

UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ
2018

RESUMO

Tendo em vista a percepção da crise no ensino bíblico das comunidades de fé através da Escola Bíblica Dominical, pesquisa-se sobre os seus aspectos históricos e socioculturais, a fim de oferecer subsídios para a reflexão e tomada de ações. Para tanto, é necessário conhecer sua origem, entender seu propósito e analisar seus desafios no momento atual. Realiza-se, então, uma pesquisa por meio de revisão de bibliografias. Diante disso, verifica-se que a crise no ensino bíblico é desdobramento da crise Igreja, afetada pelo secularismo e pela teologia fragmentada atual, o que impõe a constatação de que a igreja precisa revisar sua visão de mundo e a sua teologia.

Palavras-chave: ensino bíblico, EBD, secularismo, igreja.

ABSTRACT

In view of the perception of the crisis in the biblical teaching of the communities of faith through the Sunday School, research on its historical and socio-cultural aspects is offered, in order to offer support for reflection and action. For this, it is necessary to know its origin, to understand its purpose and to analyze its challenges in the present moment. A research is then carried out by means of bibliographical review. In view of this, it turns out that the crisis in biblical teaching is unfolding in the crisis of the Church, affected by secularism and current fragmented theology, which imposes the realization that the church needs to revise its view of the world and its theology.

Keywords: biblical teaching, EBD, secularism, church

Introdução

O ensino bíblico nas comunidades de fé evangélicas brasileiras tem sido historicamente ancorado na Escola Bíblica Dominical (EBD)¹. Este ministério de ensino, geralmente exercido por voluntários dedicados à leitura e ao estudo da bíblia, sem formação teológica ou pedagógica, sempre cumpriu com excelência o seu papel de transmitir o ensino bíblico a pessoas de variadas faixas etárias no seio das comunidades de fé. Uma bíblia, um roteiro de estudos e um espaço possível, eram suficientes para se estabelecer uma classe de estudos e influenciar gerações inteiras. Entretanto, esse retrato

¹A Escola Dominical é uma estrutura educacional caracterizada pelos ensinamentos bíblicos e pela doutrina de cada igreja protestante. A expressão dominical deve-se ao fato de acontecer aos domingos. Criada em 1781, por Robert Raikes, na Inglaterra, surgiu com o propósito de evangelizar crianças que ficavam sem atividade durante os serviços de domingo. A escola de Raikes tinha como objetivo principal alfabetizar através da Bíblia e do catecismo, além de ministrar aulas de religião, como a intenção de reformar a sociedade, modificando-lhes o caráter através dos ensinamentos bíblicos. (BERTINATTI e CARVALHO DO NASCIMENTO, 2011)

romântico da EBD aos poucos tem perdido a cor, por conta de mudanças no contexto externo (mundo) não corretamente interpretadas e adaptadas internamente (igreja).

Nenhuma comunidade de fé deve caminhar alheia ao processo sociocultural do chão onde está. A igreja, apesar de não ser do mundo, está nele e isso não a isenta de receber influências das mudanças que ocorrem ao seu redor. Em função desse aparente descompasso, já se fala em um estado de obsolescência da EBD. Júnior afirma que “ninguém mais põe fé na EBD, nem os pastores”². Corrobora com essa afirmação a percepção sintomática do baixo investimento das igrejas na formação e capacitação de professores para a EBD, o aparente abandono de projetos de concepção espaços de adequados e tecnologicamente equipados para aulas e a manutenção de metodologias carentes de atualização. A afirmação do Teólogo não é feita de forma isolada, mas dentro do contexto em que qualquer iniciativa no sentido de revisar as metodologias do ensino bíblico deve ser precedida da reavaliação da visão estratégica da igreja, da redefinição do seu senso de prioridades e da implementação de uma filosofia de trabalho ajustada a realidade.

Historicamente, o ensino bíblico retroage ao contexto mosaico. O processo de transformar um grupo de pessoas resgatadas de um país, após vários séculos de escravidão e transformá-lo em uma nação, com valores completamente novos, exigiu grande esforço para ser concretizado. Tal feito foi possível através do ensino sistemático da Palavra nos âmbitos nacional, das lideranças comunitárias e das células familiares. Se num contexto tão adverso o ensino bíblico foi capaz de transformar tamanha realidade e definir os rumos de uma civilização milenar, como não se inspirar no seu poder transformador diante das revoluções históricas e socioculturais que o mundo viria experimentar? A confiança de Robert Reikes³, ao criar a EBD, era de que as crianças ociosas e com problemas comportamentais que ocupavam a praça em Gloucester aos domingos, tivessem o caráter transformado através do ensino bíblico.

A partir de 1783, a EBD não apenas sobreviveu às grandes transformações que o mundo sofreu, mas foi relevante, influenciando a sociedade com valores e princípios bíblicos. Cabe hoje, um olhar crítico no sentido de questionar as razões da sua aparente perda de significância, já que, historicamente, caminhou firme e ativa diante dos

² GAGLIARDI JÚNIOR, Ângelo; <https://nebpiipa.worspress.com>, 2009.

³ Robert Raikes (1736 – 1811) foi um jornalista inglês anglicano da cidade de Gloucester, a quem se atribui a criação das Escolas dominicais.

principais processos mundiais, sendo fator de crescimento quantitativo e qualitativo da igreja.

Em algum momento a EBD entrou em um processo de deterioração e passou a deixar de produzir respostas satisfatórias, possivelmente por conta de algum processo ao qual não se adequou. Nesse sentido, este trabalho propõe uma análise do processo histórico e dos contextos socioculturais aos quais a EBD tem sido submetida, esperando entender a partir de qual ponto será necessário reconstruir seu caminho. Busca-se ainda, com o objetivo de corrigir indicar caminhos viáveis, uma leitura atualizada dos aspectos internos e externos que exercem influência sobre o status atual da EBD. Na sua essência, ela nunca perderá relevância, porém, na sua forma, necessitará sair do seu aparente isolamento e dialogar com o mundo, o que, aliás, foi o que motivou a sua criação.

O processo embrionário do ensino bíblico.

A EBD é fruto de um longo processo construtivo, iniciado muito antes de Reikes. Obviamente, isso não desvaloriza o seu feito, pois toda edificação é resultado do assentar de tijolos sobre uma base já estabelecida. Dessa forma, não se pode abordar a criação da EBD isolada dos fatos que a precederam. A EBD nasceu dentro de um contexto de grandes transformações no mundo e sob a influência de fatos importantes, ocorridos principalmente nos séculos XVI e XVII. Entretanto, o ensino bíblico é milenar e tem sido, desde o início da sua prática, um elemento de grande influência na história mundial. No contexto judaico, onde tudo começou, o ensino da Palavra tinha lugar obrigatório no seio das famílias e no âmbito comunitário. A teocracia vigente naqueles contextos impunha o conhecimento da lei de Deus como base para a vida prática, pois não havia fragmentação entre religião e vida civil.

Carvalho refere-se a esse período como o início da “fase embrionária”⁴ da EBD. Segundo ele essa fase foi inaugurada nos dias de Moisés e se estendeu até 1780, quando a EBD foi oficialmente criada. Não há evidência de ter havido nessa fase uma linha de desenvolvimento daquilo que mais tarde viria a ser a EBD. Entretanto, contidos nesse espaço de tempo de ricos contextos religiosos e socioculturais, estão registros de importantes aspectos do ensino bíblico nos períodos dos sacerdotes, reis e profetas de Israel, bem como do ministério terreno de Jesus e da igreja primitiva. Andrade comenta que:

⁴ CARVALHO, C M. **A Evolução da Escola Dominical. In: Marketing para a Escola Dominical.** Rio de Janeiro: CPAD, 2005. P. 101.

A formalidade do ensino religioso entre os hebreus somente haveria de aparecer com Moisés que, além de libertá-los do jugo egípcio, educou-os durante a sua peregrinação de quarenta anos rumo à Terra de Promissões. Dessa forma, deixaram de ser um bando de escravos para se tornarem uma nação organizada, santa, forte, independente e soberana.⁵

O autor acrescenta que “além de promover o ensino nacional e congregacional de Israel, Moisés ligou muita importância à instrução doméstica”⁶. Por sua orientação direta, o ensino doméstico da Palavra era centrado na figura do pai. Assim, os “pais piedosos passaram de uma geração para outra cruciais informações espirituais até que Deus formalizou a responsabilidade dos pais ao ordenar-lhes que ensinassem aos filhos”.⁷ No texto bíblico de Dt. 6⁸, é instituída a transmissão do ensino geracional pelos pais, como forma de lei a ser praticada na terra onde iriam habitar, condicionando sua obediência à longevidade.

O forte sistema educacional judaico pode ser visto como um tipo de escudo cultural. Uma nação destinada a conquistar sua terra e ser testemunho do seu Deus ao mundo, não poderia se permitir ser influenciada pelas culturas já estabelecidas nas regiões próximas, com as quais haveria de ter relativo contato. Nesse momento de formação da nação judaica, o governo teocêntrico que estava sendo estruturado vedava, em certa medida, o diálogo intercultural em prol do fortalecimento da fé nacional. Disso dependia a longevidade do processo de nacionalização judaica, o que justificava o alto investimento na formação familiar.

Qualquer tentativa estabelecer comparações com os tempos atuais exige grande esforço no sentido de isolar os diferentes contextos e se ater aos princípios, que são: o diálogo intercultural vedado no passado e necessário hoje; e o fortalecimento do ensino bíblico familiar, tão entranhado na formação judaica e nem tanto no contexto atual. Em que medida esses dois aspectos influenciam o processo de deterioração da EBD? Toda reflexão visando a sua reestruturação deve passar por este tema.

O importante papel didático desempenhado pelos profetas e sacerdotes também deve ser destacado. Ao passo que os profetas denunciavam o pecado do povo, os

⁵ ANDRADE, Claudionor de: **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro:CPAD, 2002, p. 22.

⁶ Ibid p. 23

⁷ LAWSON, M. S. **Fundamentos para uma Filosofia de Ensino**. Em: Gangel, K. O., & Hendricks, H. G. (1999). **Manual de Ensino para o Educador Cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, p. 66.

⁸ Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR vosso Deus para ensinar-vos, para que os cumprísseis na terra a que passais a possuir; para que temas ao Senhor teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos, que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida, e que teus dias sejam prolongados. [...] E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração e as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.(Dt. 6:1, 2,6 e 7).

sacerdotes mediavam o caminho da restauração. Cada um exercia sua função, porém, utilizando a mesma ferramenta, o ensino. Andrade destaca o papel de Esdras:⁹

Foi Esdras um dos maiores personagens da história hebreia. Entre as suas realizações, acham-se o estabelecimento das sinagogas em Babilônia, o ensino sistemático e popularizado da Palavra de Deus na Judéia e, de acordo com a tradição, o estabelecimento do cânon do Antigo Testamento. [...] segundo a tradição judaica, a sinagoga foi estabelecida por Esdras durante o exílio babilônico. [...] juntamente com outros escribas e eruditos, resolvem fundar a sinagoga. Funcionava esta não somente como local de culto como também servia de escola às crianças. Foi justamente no âmbito da sinagoga que a religião hebreia pôde manter-se incontaminada [...] a Escola Dominical, como hoje a conhecemos, tem muito da antiga sinagoga.¹⁰

A história deste personagem corrobora o importante aspecto da transição geracional, já abordada anteriormente, porém, com o diferencial do seu nascimento durante o cativeiro em Babilônia¹¹. Seus feitos revelam um homem comprometido com os ensinamentos recebidos e a disposição firme de cumprir sua missão, a despeito do contexto diferenciado no qual viviam, ele e o seu povo.

A recuperação da significância da EBD não pode prescindir de pessoas que tenham a capacidade de manter um alto nível de comprometimento com suas missões, mesmo quando as circunstâncias são adversas. No momento em que as dificuldades na área do ensino bíblico ganham visibilidade, atraem os olhares e paralisam as pessoas, é necessário que as lideranças permaneçam nos seus postos, fazendo com a mesma dedicação a sua parte. As dificuldades que afetam o ensino bíblico não são denominacionais, mas cristãs como um todo. Entretanto, não se observa no meio cristão evangélico um movimento de lideranças discutindo o assunto no intuito de reverter as tendências observadas. Diante das adversidades, os líderes não podem se isolar, nem se recolher ao silêncio.

O ensino bíblico praticado no âmbito da nação judaica transformou meninos em príncipes e esses, em líderes e anciãos no meio do povo. Vários aspectos abordados até aqui evidenciam a eficiência do modelo judaico na questão geracional. Esta percepção é importante para reflexão em tempos nos quais a Igreja carece de líderes e mestres que inspirem e preparem novos discípulos e sucessores. A EBD é uma questão que exige ações de nível estratégico, com visão de longo prazo e fruto de exaustiva reflexão.

⁹ Esdras foi um sacerdote e escriba que liderou um grupo de judeus que voltaram do exílio na Babilônia, no ano de 457 a.C. Através do ensino das Escrituras ele levou o povo a se consagrar a Deus. É, possivelmente o autor do livro bíblico que tem o seu nome.

¹⁰ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Manual do Superintendente da Escola Dominical**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. P. 22.

¹¹ Fato histórico ocorrido entre os anos de 598 e 587 a. C., onde houve a deportação e exílio de judeus do antigo reino de Judá para o reino da Babilônia.

Um novo momento do ensino bíblico é o ministério terreno de Jesus, tido como a maior referencia. O fato de Jesus ser chamado de mestre “era insuportável aos escribas e rabinos por não terem condições de competir com o Filho de Deus”¹². Uma grande dificuldade residia no fato de Jesus ser um ensinador ativo, que não esperava oportunidade para exercer seu papel pedagógico. Ele as criava, indo ao encontro das pessoas nas sinagogas, fora delas, nas casas das pessoas, inclusive nos lugares onde os escribas e os rabinos não iam.

Os escritos bíblicos evidenciam o grande conhecimento das leis, da história e tradições judaicas que os rabinos e os escribas possuíam, mas nos diálogos com Jesus, demonstravam limitada capacidade interpretá-las a partir do chão que pisavam. Nesse sentido, o conhecimento é como um objeto de valor, guardado em uma gaveta e trancado por fechadura e chave; quando necessário, ele estará no mesmo lugar, do mesmo jeito que foi colocado. Entretanto, poderá não mais cumprir seu propósito, pois tudo que é estático e isolado do seu contexto envelhece.

Numa vertente mais interpretativa acerca do processo evolutivo da EBD, são citadas por Carvalho “três ondas que revolucionaram a história da educação cristã, tornando-a popularizada e acessível a todos”¹³. Segundo ele, a partir de Jesus, houve uma revolução étnica, pois a Palavra deixou de ser exclusividade judaica para pertencer ao mundo. De fato, o apóstolo João, ao referir-se a Jesus como *a Palavra*, afirma que Ele “veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos quanto o receberam [...] deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus”¹⁴ (Jô. Cap. 1. 11,12). Nesse ato da história, não só o Cristo é universalizado, como também a Sua Palavra. Segundo o pensamento de Carvalho, houve ainda uma revolução metodológica, iniciada a partir da criação da EBD (não por conta dela). “Essa nova forma de ministrar acentuou-se com a deflagração da Reforma Protestante”¹⁵.

Reforma Protestante foi a grande transformação religiosa da época moderna, rompeu a unidade do cristianismo no Ocidente e alterou de forma radical a estrutura eclesialística [...] foi iniciada por Martinho Lutero (1483-1546), monge agostiniano alemão, e professor da Universidade de Wittenberg. Crítico, negava algumas práticas comuns apregoadas pela Igreja. Em 1517, revoltado com a venda de indulgências, realizada pelo dominicano João

¹²ANDRADE, C. C. **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. P. 27.

¹³CARVALHO, C M. **A Evolução da Escola Dominical**. In: **Marketing para a Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005. P. 102.

¹⁴No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. [...] Aquele que é a Palavra estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus. (Jo. 1:1,10-12 NVI).

¹⁵CARVALHO, C M. op. cit., p. 102.

Tetzel, escreveu em documento com as 95 teses que radicalizava suas críticas à Igreja e ao próprio papa.¹⁶

Os objetivos educacionais intrínsecos na pós-reforma moveram os reformadores a desenvolver métodos para o ensino de adultos e crianças, o que foi primordial para o novo momento cultural caracterizado como a segunda onda. Só foi possível para Raikes estabelecer seus primeiros grupos de estudos porque, em um contexto anterior, foram criadas bases metodológicas para o ensino.

A terceira onda refere-se à revolução tecnológica. Segundo ele, trata-se de um movimento impelidor das transformações metodológicas necessárias para este tempo. Um ensino cristão adaptado a essas transformações é capaz de potencializar a EBD, dando a ela possibilidades criativas, como o ensino à distância, classes virtuais e uma infinidade de outras metodologias e recursos.

Todos esses períodos e fases descritos até aqui são de caráter conceitual e tem como objetivo organizar o pensamento do leitor e guiar o seu olhar sobre os processos que o ensino bíblico percorreu, considerando a perspectiva antropológica em que cada fase procurou atender a cada indivíduo conforme o seu tempo e contexto. Seguindo a figura de uma edificação, esses processos seriam a massa que une um tijolo ao outro, conferindo forma, tamanho, significância e propósito a toda obra.

A fase histórica da EBD

A história acrescenta tijolos preciosos à edificação chamada Escola Bíblica Dominial. A maior contribuição do tempo e da história à EBD é conferir a ela o *status* de obra inacabada, sempre passível de ser reinterpretada a cada novo contexto.

Este artigo agora passa a apresentar em perspectiva histórica, alguns pontos importantes que compõem o pano de fundo da grande obra de Raikes. Por uma questão de manutenção do foco no objetivo deste trabalho, o leitor não terá uma exposição aprofundada dos fatos históricos citados, mas apenas a indicação dos seus aspectos fundamentais e suas influências no processo de criação da EBD.

O primeiro fato histórico, sem obedecer a uma escala de importância, é a Reforma Protestante. Ela foi significativa para a transformação da educação no mundo e a sua influência não ficou restrita ao espaço nem ao tempo em que ocorreu. A tradução da bíblia, antes disponível apenas no latim, para diversos idiomas, possibilitou a sua

¹⁶ 500 ANOS DA REFORMA. **Nossa História: Reforma Protestante. A Reforma de Lutero.** Disponível em: <http://500anosdareforma.com.br/historia/>. Acesso em 07/12/2018.

popularização. Entretanto, para que a sua leitura fosse plenamente democratizada, seria necessário estabelecer um sistema de educação que privilegiasse todas as camadas da sociedade, o que, segundo defendia Lutero, deveria ser uma política de Estado. Sobre isso, Lillback afirma:

[...] na Reforma Protestante foi desencadeada a busca pela educação universal. Martinho Lutero, [...] solicitou aos magistrados que estabelecessem escolas para que as crianças pudessem aprender a ler as Escrituras recentemente traduzidas e se beneficiassem do aprendizado dos antigos.¹⁷

O sacerdócio universal de todos os crentes, um dos pressupostos da Reforma, libertou o crente da interpretação monopolizada da Palavra. Ainda que, do ponto de vista histórico, a autoridade do magistério da Igreja Católica tenha sido substituída pela autoridade do magistério protestante, os crentes passaram a gozar de certa liberdade para fazer sua própria leitura da Palavra, a partir da sua experiência pessoal. Nesse sentido, pode-se afirmar que os contextos decorrentes desta liberdade, uma vez estendida a todas as camadas da sociedade, demandaram alfabetização e ensino bíblico. Cerca de duzentos e sessenta anos mais tarde, em alguma medida, essas mesmas condições ensejaram conjuntamente com outras, a criação da EBD.

Ainda no ambiente da Reforma, o movimento calvinista inglês conhecido como Puritanismo¹⁸ foi um dos que mais influenciaram o ensino bíblico em toda a história. Esse grupo reivindicava uma completa reforma da Igreja Anglicana, de forma a moldá-la aos princípios bíblicos estabelecidos pela Reforma. Sobre este grupo, Nicodemus escreve:

¹⁷LILLBACK, P. Ministério Fiel. **A Ênfase Educacional da Reforma**, 09/10/2017. Disponível em: http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/1207/A_enfase_educacional_da_Reforma

¹⁸Havia um grande grupo na Inglaterra e na Escócia que tinha um desejo profundo de ver uma reforma completa na vida da Igreja. Essa vontade era controlada por aquilo que conhecemos como o princípio regulador do movimento Puritano. A ideia é esta: Tudo no culto deve ser regulado e controlado pela Palavra de Deus escrita. Para esse grupo, aqueles acréscimos humanos ao culto, que não podiam ser demonstrados nem apoiados pela Escritura, deviam ser tirados. Esse grupo não queria que se permitisse o acréscimo cada vez maior de tradições humanas no culto, pois isso quebraria o segundo mandamento, obscureceria a clareza do Evangelho e impediria que o poder de Deus viesse sobre a Igreja. Por causa desse desejo, esses crentes fervorosos na Igreja, na Inglaterra e na Escócia, vieram a ser chamados e conhecidos como Os Puritanos. A palavra vem do inglês e significa purificar. Em primeiro lugar, eles queriam purificar a Igreja de Deus, especialmente o culto, através da Palavra de Deus escrita. Mas não pararam aí, estavam interessados em purificar também, em segundo lugar, o governo da Igreja e depois a vida da família, o comércio, e os negócios. Daí passavam para o governo civil; queriam purificar a forma de o governo dirigir a nação. Eles queriam reformar as escolas e as universidades à luz da Palavra de Deus. Por isso começaram a orar e a pregar para que toda a terra, em todos os aspectos do país, fosse reformada pela Palavra. Geralmente é aceito pelos historiadores que o Movimento Puritano começou no fim de 1550 e se estendeu até o século seguinte, no ano de 1600. Mas há quem diga (Prof. Sidney da Universidade de Yale) que o período puritano se estendeu nos E.E.U.U. além dessa data, até à eleição de John Kennedy, em 1960. (LOPES, A. N. **Puritanismo**. Acesso em 19 de Outubro de 2018, disponível em: http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm).

Em primeiro lugar, eles queriam purificar a Igreja de Deus, especialmente o culto, através da Palavra de Deus escrita. Mas não pararam aí, estavam interessados em purificar também, em segundo lugar, o governo da Igreja e depois a vida da família, o comércio, e os negócios. Daí passavam para o governo civil; queriam purificar a forma do governo dirigir a nação. Eles queriam reformar as escolas e as universidades à luz da Palavra de Deus. Por isso começaram a orar e a pregar para que toda a terra, em todos os aspectos do país, fosse reformada pela Palavra.¹⁹

A postura sempre firme e estável dos puritanos contrastava com as instabilidades típicas da monarquia inglesa, onde, a cada sucessão no trono, a política religiosa tinha uma nova tendência pró-católico-romana ou pró-reforma. Em alguns momentos os puritanos eram perseguidos e em outros admitidos, mas seus ardentes anseios por reforma ficavam cada vez mais distantes.

A grande contribuição dos puritanos ao ensino bíblico se dá a partir da emigração para a Nova Inglaterra, noroeste dos EUA. Conforme Winthrop:

Primeiro foram os “Peregrinos”, nos anos 1620. Eles foram seguidos por milhares de Puritanos nos anos 1630 e estes deixaram suas fortes marcas em sua nova terra, tornando-se a mais dinâmica força nas colônias Americanas. Reportando-nos à Inglaterra, os Puritanos foram influentes pessoas na vida política do país, até que o Rei Charles não tolerou mais suas tentativas de reformar a Igreja da Inglaterra. Estava montada a perseguição. Veio então a ideia de que a única esperança seria deixar o país. Quem sabe na América eles poderiam estabelecer uma colônia cujo governo, sociedade e igreja fossem totalmente baseadas na Bíblia. A “Nova Inglaterra” poderia vir a ser a velha Inglaterra sem todos os defeitos de incredulidade e corrupção.²⁰

Lillback afirma que os puritanos levaram consigo “um profundo compromisso com as ênfases educacionais da Reforma”. E prossegue:

Por exemplo, a declaração de fundação de Harvard, de 1640, diz: Depois que Deus nos trouxe a salvo para a Nova Inglaterra, e construímos nossas casas, providenciamos o que era necessário para nosso sustento, edificamos lugares convenientes para o culto a Deus e lideramos o governo civil, uma das próximas coisas que desejamos e cuidamos foi promover o aprendizado e perpetuá-lo para a posteridade, temendo deixar um ministério iletrado para as igrejas, quando nossos atuais ministros retornarem ao pó.²¹

A educação cristã puritana era exercida primariamente nos lares, centrada na figura paterna, que tinha a responsabilidade pelo ensino e transmissão dos valores cristãos a esposa e aos filhos. Na igreja, a educação cristã tinha como principal ferramenta as pregações, através das exposições bíblicas feitas por homens fiéis e de

¹⁹ Ibidem

²⁰ WINTHROP, J. **Quem foram essas pessoas chamadas de “Os Puritanos”?** [S.l.]: [s.n.], 1992. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/puritanos/quem_pessoas_puritanos.htm>. Acesso em: 21 Outubro 2018.

²¹ LILLBACK, P. A. **Ênfase Educacional da Reforma**. Ministério Fiel. 09/10/2017. Acesso em 23 de Outubro de 2018, disponível em: http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/1207/A_enfase_educacional_da_Reforma.

elevado preparo. O terceiro agente promotor da educação cristã puritana era a escola. No modelo de ocupação puritana na colônia de Massachusetts, cada comunidade construía seu prédio escolar, cada família tinha o dever de enviar seus filhos à escola e contribuir para o pagamento do salário do professor. Quanto à visão educacional dos puritanos, John Winthrop descreve:

A instrução e o treinamento das crianças eram levados muito a sério e os pais oravam para que os filhos se tornassem vigorosos para a glória do Senhor. Logo nos seus primeiros cinco anos de estabelecimento, Massachusetts organizou escolas para crianças. Toda criança deveria aprender a ler, pois somente assim teria condições de ler a Bíblia. Como uma das Leis de Massachusetts mencionava - “Sendo um antigo projeto do velho Enganador Satanás impedir que os homens tomem conhecimento das verdades bíblicas, escolas têm de ser estabelecidas”.²²

Nas escolas puritanas, a bíblia era utilizada no processo de alfabetização das crianças. Isso é algo impensável para os dias atuais, pois o Estado não se obriga envolver-se nas questões que envolvem a fé. Porém, os puritanos, até onde puderam manter as escolas sob suas responsabilidades, o fizeram e isso contribuiu em grande medida para a transmissão do ensino bíblico aos seus filhos.

Com a independência dos Estados Unidos o Estado se separou da igreja e passou a controlar a educação formal, antes sob a responsabilidade dos pais puritanos. A escola deixou de ser um espaço onde também se transmitia o ensino bíblico, mas a excelente contribuição puritana à educação cristã já havia sido dada, a região da Nova Inglaterra tornou-se uma das regiões com o maior índice de alfabetização da época.

Como definido inicialmente, este artigo não tem como prioridade fazer incursões profundas e detalhadas pelos fatos históricos. O seu foco é seguir a linha do tempo da EBD em seu corte através da história, visando destacar as influências recebidas através daqueles fatos. Nesse sentido, é possível fazer a constatação de que o ensino bíblico e a história não passaram incólumes um pelo outro. O ensino bíblico marcou a história quando formou a nação judaica e deu a ela princípios até hoje observados e, não apenas isto, mas as consequências deste ensino fizeram e ainda fazem desta nação uma influenciadora do mundo atual.

Não menos relevante foi este ensino no contexto geopolítico, religioso e sociocultural da Europa pós-reforma, onde, entre outras coisas, influenciou no estabelecimento de políticas educacionais até hoje percebidas. A caminhada nação Norte-americana até a atual relevância mundial teve a contribuição diversos fatores. Destaca-se neste trabalho, como contribuição ao tema pesquisado, o ensino legado pelos

²² WINTHROP, J. *Quem foram essas pessoas chamadas de “Os Puritanos”?*, 1992.

cristãos puritanos ainda na sua colonização e que ainda hoje se mantém como marca na sua história.

Mesmo nos momentos em que o protagonismo da história impôs um papel passivo ao ensino bíblico, ainda assim ele se manteve ativo e relevante, buscando atuar no espaço que lhe cabia. Nos Estados Unidos, quando o Estado passou a assumir a responsabilidade pela educação, separando-se da ação religiosa, o ensino bíblico foi das crianças e jovens foi fortalecido e ancorado nas comunidades de fé, que assim, davam os primeiros passos do que mais tarde seria a EBD.

A criação da EBD é um caso típico em que o protagonismo da história não consegue submeter o ensino bíblico à passividade. Ao contrário, cria oportunidade para Reikes iniciar sua grande obra até hoje relevante. O importante cenário histórico da Revolução Industrial²³, que introduziu importantes mudanças no mundo a partir da segunda metade do século XVIII, não foi capaz de impedir que o ensino bíblico se agigantasse, mostrando-se relevante diante das consequências sociais que aquele fato impôs. Sobre isso, afirma Andrade:

A Escola Dominical nasceu da visão de um homem que, com padecido pelas crianças de sua cidade, quis dar-lhes um novo e promissor horizonte. Com o ficar insensível ante a situação daqueles meninos e meninas que, sem rumo, perambulavam pelas ruas de Gloucester? Nesta cidade, localizada no Sul da Inglaterra, a delinquência infantil era um problema que parecia insolúvel. Aqueles menores roubavam, viciavam-se e eram viciados; achavam-se sempre envolvidos nos piores delitos. Tudo isso era consequência da Revolução Industrial que, se por um lado, levou o desemprego a milhares de artesãos, por outro, forçou o ingresso de muitas donas-de-casa no mercado de trabalho, privando-as, parcial ou totalmente, de seu encargo como educadoras dos filhos. E nesse momento que o jornalista episcopal Robert Raikes entra em cena.²⁴

A relação da história com o ensino bíblico não é de convivência ou interdependência. Não há também rivalidade, uma vez que, como demonstrado até aqui, cada qual tem o seu papel. Por mais protagonismo que a história possa ter, ele será sempre tardio e passivo diante dos fatos, pois, sua função se limita a registrá-los. Já o ensino bíblico, ocupa posição de vanguarda, gerando e transformando a história.

²³ A [...] Revolução Industrial, ocorreu na segunda metade do século XVIII (aproximadamente entre 1760 e 1840) tendo a Inglaterra como nação pioneira. Seu maior símbolo é a utilização da energia a vapor, extraída do carvão vegetal, como fonte energética básica, em substituição às formas tradicionais de energia mais utilizadas até então, quais sejam, energia movida a tração animal e energia hidráulica. Além da transição para a energia a vapor, costuma ser muito enfatizada a introdução de máquinas, transformando em mecânicos processos até então artesanais ou manuais, que dependiam da força muscular. (MACHADO, L. A. Artigo – **Revoluções industriais**: do vapor à Internet das coisas. **http://www.cofecon.gov.br**, 2016. Disponível em: <<http://www.cofecon.gov.br/2016/10/13/revolucoes-industriais-do-vapor-a-internet-das-coisas/>>. Acesso em: 13 Novembro 2018).

²⁴ ANDRADE, Claudionor, **Teologia da Educação Cristã**, p. 28.

A fase desafiadora da EBD

A partir deste ponto, este artigo buscará uma análise crítica da situação atual de EBD, considerando os contextos internos e externos que afetam a sua funcionalidade e o seu propósito. Entende-se aqui, como já tem sido historicamente demonstrado, que a EBD, na sua essência, dialoga com a realidade, influenciando e sendo influenciada por ela. Logo, sem uma eficiente interpretação da realidade, considerando diferentes visões de mundo em voga, toda a tentativa de discutir e tomar ações visando a sua ressignificação restarão sem sentido.

Citar a ressignificação não significa admitir a total perda de sentido da EBD como agente do ensino bíblico, até porque qualquer avaliação nesse sentido seria a expressão de uma visão unilateral. Trata-se de uma questão que envolve ao menos dois lados: a EBD, enquanto estrutura pedagógica real, em funcionamento nas comunidades de fé locais; e os seus usuários ou consumidores, com suas visões de mundo e suas subjetividades.

Na fase denominada desafiadora, este trabalho busca identificar os aspectos do desafio, entendendo que o contexto atual da EBD requer uma análise multilateral. Não é seguro apontar uma causa específica, nem assegurar que ela (ou elas) tenha origem apenas na estrutura interna da EBD. Como ela interage com o mundo, sugere-se também um olhar sobre esta interação, visto ser algo dinâmico e consequentemente, passível de distorções ou defasagens.

Nesse tópico, serão considerados os apontamentos feitos por alguns autores quanto à funcionalidade da EBD e suas limitações no contexto atual, bem como suas sugestões. Em um segundo momento, será feita uma reflexão sobre as influências externas sofridas, não apenas pela EBD especificamente, mas pelo ensino bíblico, de forma geral. A ideia de que há apenas este ou aquele fator específico atuando desfavoravelmente parece não caber neste contexto, pois ainda que todas as dificuldades estruturais fossem sanadas, restaria verificar a saúde das suas interações com o mundo, visto ser esta uma das suas importantes propostas.

Vários aspectos estruturais têm sido apontados como contribuintes para a atual condição da EBD. Para Júnior, problemas estruturais e de logística são os grandes desafios com os quais ela tem lidado nos últimos tempos.

Basicamente os problemas são os mesmos com o agravante de que, 30 anos depois, o Evangelho é apresentado hoje numa visão mais utilitária, superficial, hedonista, sem

ênfase ao necessário conhecimento da Palavra, ao arrependimento, à mudança de vida e ao compromisso com o Senhor.²⁵

Segundo ele, a EBD sofre por conta de aspectos estruturantes como a falta de investimentos na concepção de espaços tecnologicamente aparelhados, dificuldade formação e organização de corpo docente, currículo e material didático. Por conta de tantas dificuldades, as lideranças das comunidades de fé não conseguem empenhar os esforços necessários para superar esses desafios. A saída para muitas lideranças tem sido trilhar o caminho mais fácil e menos penoso da estruturação dos estudos em pequenos grupos.

Júnior não vê como um problema a adoção deste formato. Ao contrário, ele percebe benefícios como o compartilhar de experiências e a possibilidade do pastoreio individual pelos líderes dos grupos, entre outros. Isso aliviaria a sobrecarga pastoral e permitiria sua dedicação a outras tarefas. Para isso, são necessárias lideranças piedosas, compromissadas, com aprofundado conhecimento bíblico e capacitadas para ministrar o ensino da Palavra.

Não ficam fora da percepção crítica de Júnior, as questões que envolvem os dicentes. Há importantes aspectos ligados as características da geração Y²⁶. Ele afirma:

Esta geração desenvolveu-se numa época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Os seus pais, não querendo repetir o abandono das gerações anteriores, encheram-nos de presentes, atenções e atividades, fomentando a sua autoestima. Cresceram vivendo em ação, estimulados por atividades, fazendo tarefas múltiplas. Lidando com Power Point e Netbooks. Acostumados a sempre conseguirem o que querem. Eles tem se tornado o público-alvo do consumo de novos serviços e na difusão de novas tecnologias, público exigente e ávido por inovações.²⁷

De forma geral, a visão de Júnior sobre a EBD é de um sistema de ensino ultrapassado, com sérios problemas estruturais, que gera crentes “frágeis, inexperientes, imaturos, desmotivados”²⁸. Nessa perspectiva, pode inferir-se que há uma mudança no contexto sociocultural externo, para o qual a EBD não está oferecendo resposta eficiente. Essas respostas estariam ligadas ao sistema de ensino como um todo, incluindo estruturas físicas e humanas.

²⁵GAGLIARDI JUNIOR, Ângelo. **Nem pastores põem mais fé na EBD**, 2009.

²⁶ A Geração Y é a geração das pessoas que nasceram basicamente na mesma época do início das evoluções tecnológicas (a partir de 1978, grifo meu) e, por consequência, da globalização, dois eventos que certamente influenciaram nas características, nos ideais e no comportamento desses indivíduos. (COMAZZETTO, L. R., C. M. P. S. J. L. V. J. G. **A Geração Y no Mercado de Trabalho: Um estudo comparativo entre as gerações**, Porto Alegre, Jan/Mar 2016. 147.)

²⁷ Ibid

²⁸ ibid

Diante do cenário de novas tecnologias e suas interações com a geração atual, não se pode negar certa defasagem existente na estrutura de ensino da EBD e sua influência no fator motivacional dos alunos. Seria este o motivo do baixo interesse da geração atual pelo ensino nas comunidades de fé. Reconhecendo este contexto, Carvalho aponta para as estratégias de marketing como necessária ferramenta para atrair de volta o interesse dos alunos. Segundo ele, “os canais de informação nos dias de hoje são múltiplos. [...] as pessoas optarão pelo mais vantajoso, atrativo e que possa lhe servir no dia-a-dia”.²⁹ E prossegue o autor:

[...] como atrair os membros da igreja para a Escola Dominical, já que o estresse do dia-a-dia, as programações televisivas, a internet e tantas outras coisas oferecem aos irmãos a tentação de ficar em casa nas manhãs de domingo? É exatamente esse aparato que a obra (seu livro, grifo meu) traz; os meios de atração, conquista e manutenção dos alunos através dos recursos do Marketing.³⁰

Neste livro, Carvalho também aborda questões humanas e socioculturais típicas da pós-modernidade, que contribuíam para que cerca de 70% dos membros da sua denominação não fossem frequentadores assíduos da Escola Dominical. Após um congresso, no qual o tema foi tratado, houve uma reformulação, onde as questões estruturais foram repensadas e o marketing passou a ser introduzido como principal estratégia de divulgação e atração de alunos, o que, segundo ele gerou grande crescimento.

Quanto a esse fato, segundo as informações oferecidas no livro, é apenas possível quantificar os resultados da introdução do marketing no processo da EBD, mas não há dados qualificativos do crescimento informado. Cabe uma reflexão sobre qual resultado se espera quando se implementa algo novo ou se corrige o que está deficitário na EBD. O pragmatismo não é capaz de dar conta das subjetividades que envolvem este processo. Os resultados esperados não são essencialmente numéricos nem temporais, mas qualitativos, efetivos e perenes.

Uma das subjetividades que envolve o ensino bíblico está na avaliação do impacto que este provoca nas diversas instâncias da vida do aluno. De uma forma primeira, o aluno pode ter sua visão de mundo alterada pelo ensino recebido. Como consequência, suas atitudes para com o mundo e as pessoas poderão ser modificadas em alguma medida. Isso poderá ser percebido inicialmente por aqueles que fazem parte do seu círculo de relacionamentos mais íntimos, como cônjuge e família. Porém, não é possível

²⁹CARVALHO, César M. **Marketing para a Escola Dominical**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p.133.

³⁰Ibid., p. 17,18.

determinar os limites da possibilidade ou da capacidade de uma pessoa influenciar o seu contexto a partir do seu aprendizado bíblico. Estes são valores subjetivos que nenhuma estatística da EBD poderá quantificar.

Se os números pudessem construir uma regra lógica e confiável para os resultados práticos do ensino bíblico na vida das pessoas, justificaria a dimensão pragmática dos diagnósticos, projetos e planejamentos das igrejas para as suas EBDs. Nesse campo pode ser que resida, em parte, o sentimento de desânimo ou de frustração de muitos líderes que trabalham na perspectiva de resultados mensuráveis, não considerando o fato de que o ensino é um processo. Pode ser que se atribua a EBD, ainda que esta enfrente algumas dificuldades, a responsabilidade por resultados considerados deficientes, quando, na verdade, se trata de expectativas infundadas quanto ao que ela efetivamente é capaz de oferecer.

Outro dado que corrobora a subjetividade e a imensurabilidade dos resultados do ensino bíblico é o efeito comunitário como promotor de mudanças no contexto geral. Como exemplo, pode ser citado o crescimento numérico e proporcional de evangélicos no Brasil, nas últimas décadas. Em 1980 o percentual de evangélicos era de 6,6%, passando para 9% em 1991, para 15,4% em 2000 e para 22,2 em 2010. Em dados numéricos, representa um crescimento de 7,8 milhões em 1980 para 42,3 milhões evangélicos em 2010. Toda essa coletânea de dados numéricos, se consideradas isoladamente faria a alegria qualquer liderança evangélica pragmática, mas não é possível deixar de considerar a dimensão subjetiva desta informação.

Tem sido voz corrente em grande parte das lideranças que o crescimento numérico do povo evangélico não é condizente ou compatível com o impacto produzido na sociedade como um todo. Em cada cinco brasileiros, um é evangélico. Esperava-se uma influência maior no comportamento geral da sociedade, reduzindo índices como o da violência, do divórcio e do aborto, entre outros, que em tese, não fazem parte do contexto evangélico e do que preconiza o ensino bíblico. Essa subjetividade precisa estar na agenda daqueles que estudam o fenômeno da perda de significância da EBD nos dias atuais.

Estariam as dificuldades no ensino restritas ao contexto da EBD? A solução dos problemas estruturais, como salas, equipamentos tecnológicos e corpo docente qualificado seria capaz de propiciar a formação de crentes com qualidade para fazer diferença no mundo? Se as respostas são negativas, há algo precisando ser revisto em uma esfera maior, dentro das comunidades de fé. Suas lideranças e estudiosos de

multidisciplinas precisam deter seus olhares sobre este fenômeno, ou permanecerão caminhando em círculos, de forma improdutivo na busca por caminhos.

A partir deste ponto, este artigo passa a chamar a atenção do leitor para os contextos externos que tem impactado a área do ensino bíblico das comunidades de fé. O objetivo é demonstrar que as dificuldades que afetam a EBD são apenas o fim de linha de um processo maior, no qual são incluídas lideranças e a instituição. Por ser usualmente considerada a instância do ensino bíblico nas instituições evangélicas, a EBD se constitui a parte mais sensível, não significando com isso, que nela esteja a origem ou a solução de todos os problemas.

Nesta parte do trabalho, será utilizada como guia a pesquisa de Silveira³¹, pela sua relevância e pertinência para a discussão do tema proposto. Nessa pesquisa, o autor trata, num viés sociológico, os aspectos da profissão de pastor presbiteriano, que segundo informa:

A profissão pastoral enfrenta dificuldades em várias partes do mundo [...] são recorrentes, no vocabulário de alguns estudiosos europeus e norte-americanos, termos como “crise”, “mal-estar”, “insegurança”, “desvalorização”, “perda de *status*”, etc., quando se trata de descrever a situação profissional do pastor protestante na sociedade moderna.³²

Na pesquisa de Silveira são apontadas as causas da crise da profissão pastoral, a partir dos vieses da secularização e das mudanças ocorridas no cenário religioso brasileiro. A secularização³³, por se tratar de um fenômeno que tem afetado os rebanhos cristãos pelo mundo, é explorada de forma mais profunda na composição do cenário da crise pastoral. O surgimento do neopentecostalismo trouxe aspectos do pluralismo religioso para a particularidade evangélica, introduzindo novos modelos comunitários e novas formas de pastoreio. Se esses aspectos afetam pastores e rebanhos, sinalizam que a crise está em toda a comunidade, ou seja, na igreja, com implicações na dinâmica do ensino, que é a ferramenta que prepara o crente para exercer a sua fé, relacionando-se com Deus e com o mundo. É através do aprendizado adequado da Palavra que o cristão aprende a interpretar as dinâmicas do mundo e se posicionar diante das demandas advindas desses processos.

³¹ SILVEIRA, José R. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, São Bernardo do Campo, UMESP, 2005.

³² Ibid., p. 106-107

³³ Processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Ibidem.

As dinâmicas e processos fazem parte das subjetividades que, como dito anteriormente, não podem ser mensuradas, carecendo serem estudadas como aspectos incidentes sobre a questão do ensino e da EBD. Conforme Silveira:

Há, também, para Berger, o lado subjetivo desse processo, que é a “secularização da consciência”, a qual significa que “o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encara o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas”.³⁴

Uma consciência secularizada busca por outras fontes, nas quais encontrem maior sentido para lidar com as questões da vida. Essa subjetividade, manifesta pelo comportamento, é típica do homem comum contemporâneo, que aprendeu a viver referenciado nos padrões plurais do mundo. Entretanto, com relação ao cristão, desde sempre se pretendeu que o aprendizado bíblico fosse uma reserva de sentido para ser utilizada na interpretação da realidade. Essa intenção sempre esteve presente (ao menos se espera) nas aulas da EBD, nos sermões pastorais e nas liturgias de culto, em fim, na função teológica da igreja. Nesse sentido, quando um crente da comunidade de fé manifesta comportamento igualado ao homem comum, deve ser motivo importante de preocupação das lideranças, tanto quanto as estruturas internas da EBD.

A crença do cristão de que o embasamento bíblico recebido da igreja é de fato uma reserva suficiente para lhe fornecer as respostas necessárias diante das demandas da vida, são chamadas por Silveira estrutura de plausibilidade. Ele afirma que:

Assim, toda concepção de mundo, qualquer que seja seu caráter ou conteúdo, pode ser analisada quanto à sua estrutura de plausibilidade, porque é só enquanto as pessoas permanecem nessa estrutura que a concepção de mundo em questão é plausível para elas. Desse modo, não há plausibilidade sem uma estrutura de plausibilidade adequada. Logo, toda estrutura de plausibilidade é passível de questionamento e, nesse caso, a estrutura fornecida pela religião e a teologia não está imune a isso.³⁵

O comportamento secular dos cristãos teria origem no sentimento de falta de plausibilidade dos ensinamentos bíblicos? Ou seja, o conhecimento bíblico absorvido através das estruturas de ensino da igreja não é suficiente para responder às demandas da vida e por isso é necessário recorrer a outros sistemas de valores? Nesse caso, não apenas o sistema de ensino deve ser questionado, mas a condição do próprio aluno, na sua cognição ou na experiência com o transcendente. Esta forma de subjetividade, se percebida com clareza, pode modificar o foco daqueles que se preocupam com a situação atual do ensino bíblico, pois nem sempre o problema está na estrutura de

³⁴SILVEIRA, J. R. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo**, 2005.

³⁵ SILVEIRA, op. cit., p. 109.

ensino. Talvez ela esteja cumprindo o seu papel, a despeito das dificuldades, mas do outro lado tem um ser pensante, que pensa e faz suas próprias escolhas.

A secularização, ao polarizar a religião, deu ao homem o poder para fazer a sua própria escolha, baseado nos seus próprios pressupostos. Diante das variadas opções de teologias, discursos e liturgias, estabeleceu-se o pluralismo religioso, que fragmentou a religião cristã e causou perda de influência da igreja. Contexto semelhante ocorre no cenário atual no qual as igrejas evangélicas tradicionais estão vivendo uma espécie de pressão por atualização e relativização de questões ligadas a tradição. Há uma competição estabelecida, onde as pessoas são como troféus a serem conquistados. Em nome da conquista, facilitam-se acessos, relativizam-se tradições e doutrinas e transferem-se a centralidade de Cristo para o homem. O pragmatismo toma lugar como método de sobrevivência tal qual um mercado qualquer, valorizando os cenários, os espetáculos, o bem-estar das pessoas e desprestigiando o ensino. Nesse cenário:

O indivíduo moderno existe nessa pluralidade de mundos, indo de um lado para o outro, como se fosse um nômade, transitando entre estruturas de plausibilidade, cada uma sendo enfraquecida pela convivência com outras estruturas de plausibilidade. É nesse sentido que Berger considera a pluralização a mais importante causa da crise de credibilidade das tradições religiosas. Em decorrência disso, ainda segundo Berger (1985, p.166), “o problema fundamental das instituições religiosas é como sobreviver num meio que já não considera evidentes as suas definições da realidade”.³⁶

Em síntese, as reflexões e pesquisas de Silveira são generosas para com este trabalho, no sentido de ampliar o campo de estudos na busca por caminhos para o ensino bíblico e a EBD. O secularismo, com todas as implicações decorrentes dele, na perspectiva deste trabalho, tem causado mal maior à estrutura de ensino das comunidades de fé do que as suas próprias instalações e recursos ou a falta deles. A crise de significância do ensino bíblico está intimamente ligada a este contexto ou, quiçá seja ele a sua maior causa.

Seguindo a linha da crise de significância, é importante hierarquizá-la, por uma questão de organização dos esforços a serem empreendidos. A crise da EBD é reflexo da crise no ensino bíblico; a crise no ensino bíblico é reflexo da crise na igreja. A expressão “crise” já é aceita no meio evangélico como apropriada para descrever o atual contexto eclesial. Entretanto, Lima utiliza expressão colapso para fazer alusão ao mesmo quadro. Segundo ele, “uma igreja que deseja fazer diferença dentro de uma sociedade [...] precisa entender a época em que vive, caso contrário a sua pregação pode

³⁶SILVEIRA, J. R. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo**, 2005.

ser completamente alienada da realidade das pessoas.”³⁷ Sobre essa igreja, continua o autor,

Mas talvez o grande problema com a igreja hoje é que ela não só parece não entender o tempo presente, como, paradoxalmente, está impregnada da filosofia deste tempo. [...] a verdade tem sido rejeitada dentro da própria igreja. Em muitas denominações, o conceito de ser ortodoxo ou herege não existe mais. A doutrina é continuamente posta de lado para que todos possam se encaixar. Não há como negar que a ausência de precisão doutrinária e de pregação verdadeiramente bíblica caracteriza a época evangélica atual. O que se ouve na maioria dos púlpitos não é a exposição da Palavra de Deus, mas “mensagens de motivação, suavizantes terapias para o eu e fórmulas para a saúde, a prosperidade, a integração pessoal, a harmonia celeste, etc.”. Isso nos faz ver que a igreja também está se tornando bastante relativa.³⁸

A hierarquização da crise, citada nos parágrafos anteriores, encontra argumento forte no quadro descrito por Lima, no sentido de que nenhuma igreja que ostente as características citadas por ele poderá gabar-se de ter uma EBD saudável, salvo tratar-se de uma autodefinição. Logicamente, não se considera que todas essas características componham o perfil de uma mesma comunidade, mas mesmo possuindo uma ou outra, a porta para o colapso estará aberta.

Conclusão:

O ensino bíblico atual se ressentido de uma base sólida, como a que foi construída no sistema judaico e que, por conta dessa característica, foi capaz de resistir ao tempo e às pressões socioculturais e sociopolíticas que lhe foram impostas. Este sistema foi capaz de transformar um grupo de pessoas já formatadas em uma cultura diversa em uma nação com valores sólidos e duradouros. A resistência demonstrada por esse sistema de ensino e os frutos decorrentes dele podem ser atribuídos à presença forte berço familiar servindo como sua principal base. Esta característica conferiu robustez, longevidade e estabilidade ao sistema, formando uma cultura resistente aos movimentos seculares das sociedades mundiais.

Um sistema de ensino bíblico precisa estar sob o guarda-chuva de um sistema religioso forte, capaz de transmitir sentido de vida às pessoas através das suas interpretações. Na experiência judaica há uma comprovada interdependência entre ambos, de modo que, em todas as crises pelas quais a nação passou, conforme os relatos bíblicos, o enfraquecimento de um deles é apontado como fator determinante. De igual modo, os processos restauratórios se deram pela via do fortalecimento da religião através do ensino ou do reensino bíblico. Nesse sentido, deve ser ressaltada a

³⁷LIMA, L. A. D. **Brilhe a sua luz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 35.

³⁸LIMA apud Mohler, 2018, p. 66.

importância da liderança forte e comprometida, seja ela institucional, comunitária ou familiar.

As metodologias e infraestruturas são percepções internas do final de linha de uma crise, que tem proporções maiores em esferas superiores da igreja. Entretanto, não se pode desprezar suas importâncias no contexto sociocultural marcado pela tecnologia e velocidade da informação. A comunidade que se propuser fazer resistência à crise atual terá nesses elementos grandes diferenciais para lograr êxito, porém, não se pode atribuir à ausência dos mesmos a atual condição do ensino bíblico.

Uma das coisas que se pretendeu mostrar neste trabalho é que história está se oferecendo generosamente ao contexto do ensino atual para lembrá-lo de que o ensino bíblico, no seu corte milenar, vivenciou vários contextos e conseguiu manter-se relevante. A sua trajetória vitoriosa incluiu sempre a boa interpretação dos movimentos do mundo, com o qual sempre dialogou e quando provocado, revisou suas humildemente suas posições, sem contudo perder sua essência. São várias as conclusões possíveis que este trabalho se propõe apresentar diante de todas as questões discutidas e analisadas, as quais são apresentadas a seguir.

Admitir que há uma crise no ensino bíblico é algo saudável. O ambiente que conduziu a Reforma era de crise relacionada ao ensino, na medida em que a teologia ensinada já não atendia ao indivíduo daquele tempo. A Reforma foi um repensar teológico que beneficiou sobremaneira o mundo, mas teve como pavio a crise, que uma vez admitida cumpriu seu papel transformador.

A crise no ensino é desdobramento de outras crises, não a causa delas. Na EBD está localizada a menor instância desta crise, que obedece a uma hierarquia: crise do ser humano, crise da igreja e crise do ensino. Uma espécie de “efeito dominó”, onde não é viável qualquer solução que trate da causa primeira. Nesse caso, uma releitura do homem atual e suas subjetividades.

A EBD não pode ser maior instância do ensino bíblico. O púlpito das comunidades de fé precisam abandonar as pregações humanistas e reocupar o seu lugar de provedor de ensino bíblico e de interpretação teológica para transmissão de sentidos aos indivíduos, ainda que isso ocasione a movimentação de pessoas para outras comunidades. O pragmatismo mata o ensino genuíno e empurra a primeira peça do dominó da crise.

O ensino bíblico precisa retomar seu espaço no ambiente familiar. As famílias cristãs darão grande contribuição ao ensino bíblico e à EBD ao reocupar seu papel de

ninho protetor da fé, cultivando hábitos que favoreçam a abordagem bíblica no espaço do lar. No ambiente do ensino secular, a escola já tem tomado o espaço não ocupado pela família como ensinadora primeira. No meio eclesiástico, esse vazio gera distorções quanto à percepção da vida cristã por parte dos filhos, influenciando no processo geracional da fé cristã.

Referências bibliográficas

500 ANOS DA REFORMA. **Nossa História: Reforma Protestante. A Reforma de Lutero.**

Disponível em: <http://500anosdareforma.com.br/historia/>. Acesso em 07/12/2018.

ANDRADE, C. C. D. **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ANDRADE, C. C. D. **Manual so Superintendente da Escola Dominical**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BERTINATTI, N.; CARVALHO DO NASCIMENTO, E. V.-B. **Os Modelos de Organização das Escolas Dominicais Presbiterianas no Brasil: O Ideal e o Possível**. São Paulo: [s.n.], 2011.

CARVALHO, C. M. D. **A Evolução da Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CARVALHO, C. M. D. **Marketing para a Escola Dominical**. 3ª Edição. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GANGEL, K. O.; HENDRICKS, H. G. **Manual de Ensino para o Educador Cristão**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

IBGE. **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Agência IBGE notícias: [s.n.], 2012. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 03 Novembro 2018.

JÚNIOR, A. G. **Nem pastores põem mais fé na EBD**. [S.l.]: [s.n.], 2009. Disponível em: <<https://nebpibpa.wordpress.com/2009/10/21/nem-pastores-poem-mais-fe-na-ebd/#more-135>>. Acesso em: 16 Outubro 2018.

LETÍCIA REGHELIN COMAZZETTO, C. M. P. S. J. L. V. J. G. **A Geração Y no Mercado de Trabalho: Um estudo comparativo entre as gerações**. Porto Alegre: [s.n.], 2016. 147 p.

LILLBACK, P. **A ênfase educacional da Reforma**. [S.l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: <http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/1207/A_ênfase_educacional_da_Reforma>. Acesso em: 23 Outubro 2018.

LIMA, L. A. D. **Brilhe a sua luz**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

LOPES, A. N. **Puritanismo**. [S.l.]: [s.n.], 1995. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/puritanos/puritanismo_augustus.htm>. Acesso em: 19 Outubro 2018.

MACHADO, L. A. **Artigo – Revoluções industriais do vapor à Internet das coisas**. [S.l.]: [s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.cofecon.gov.br/2016/10/13/revolucoes-industriais-do-vapor-a-internet-das-coisas/>>. Acesso em: 13 Novembro 2018.

NASCIMENTO, V. **Seguidores de Cristo: Testemunhando numa Sociedade em Ruínas**. 1ª Edição. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SAYÃO, L. **Teologia Viva**. [S.l.]: [s.n.], 2018. Disponível em: <<https://pleno.news/opinioao/luiz-sayao/a-reforma-protestante-e-sua-trajetoria-brasileira.html>>. Acesso em: 05 Novembro 2018.

SILVEIRA, J. R. **A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado**. São Bernardo do Campo: UESP, 2005.

SOARES, J. D. C. O Protestantismo Pentecostal Um Estudo sobre a Congregação Cristã, Juiz de Fora, 2017.

WINTHROP, J. **Quem foram essas pessoas chamadas de “Os Puritanos”?** [S.l.]: [s.n.], 1992. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/puritanos/quem_pessoas_puritanos.htm>. Acesso em: 21 Outubro 2018.